Sistema OCB

ANÁLISE
ECONÔMICA

Edição 24 - Ano 6 | Abril de 2025

GEOPOLÍTICA E EFEITOS NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Ao longo da história, a política internacional e os conflitos entre países sempre exerceram forte influência sobre os fluxos comerciais. Guerras, alianças e disputas territoriais moldaram não apenas fronteiras, mas também determinaram quem compra, quem vende e com quem se estabelecem relações econômicas. Desde as rotas comerciais da antiguidade até os embargos econômicos do século XX, o comércio internacional tem sido, essencialmente, um reflexo das relações de poder entre nações.

Hoje, o cenário não é diferente. Em 2025, o mundo presencia uma série de tensões geopolíticas que estão redesenhando o mapa do comércio global. A guerra entre Rússia e Ucrânia, iniciada em 2022, ainda repercute nos mercados de grãos e energia, forçando países a buscarem alternativas logísticas e novos parceiros comerciais. Ao mesmo tempo, o aumento da tensão das relações entre Estados Unidos e China pressiona cadeias produtivas, reconfigura alianças e acentua o uso de instrumentos econômicos como ferramentas de influência política.

Esses conflitos não se limitam ao campo militar ou diplomático; eles transformam profundamente os padrões de exportação, importação, investimentos e formação de blocos econômicos. Estratégias como *friendshoring* (comércio com aliados) e *nearshoring* (produção mais próxima dos mercados consumidores) surgem como respostas às novas incertezas, substituindo o ideal de livre comércio globalizado por uma lógica mais cautelosa e segmentada.

Nesse ambiente, o cooperativismo também está inserido. As cooperativas brasileiras, especialmente do agronegócio, mantêm forte presença internacional — com destaque para a China, principal destino das exportações do setor. Contudo, para seguir competitivas, essas organizações precisam compreender as novas dinâmicas do comércio global, diversificar mercados e ajustar suas estratégias comerciais às tendências geopolíticas. Ignorar essas mudanças pode significar perda de relevância, restrição de acesso a mercados e menor capacidade de inserção em cadeias globais de valor.

Neste boletim, analisamos os principais vetores que estão redesenhando o comércio internacional e indicamos caminhos para que o cooperativismo atue com inteligência e estratégia neste novo cenário.

OS VETORES DE TENSÃO E SEUS IMPACTOS ECONÔMICOS

Ao longo da história, o comércio internacional sempre refletiu os ciclos de estabilidade e instabilidade política. Em períodos de paz, observam-se avanços no multilateralismo e na integração econômica; já em tempos de conflito, emergem medidas protecionistas e disputas por influência. Esse padrão cíclico está no centro da atual reconfiguração do sistema comercial global, marcada por tensões que envolvem as principais potências mundiais.

Nos últimos anos, o mundo testemunhou uma inflexão importante nesse ciclo. O pós-pandemia acentuou medidas nacionalistas voltadas à segurança econômica, e a guerra entre Rússia e Ucrânia escancarou a vulnerabilidade das cadeias globais de suprimentos. Paralelamente, as disputas entre Estados Unidos e China consolidaram uma rivalidade estratégica que vai além do comércio, influenciando o redesenho de alianças econômicas em escala global. Segundo o FMI, o número de barreiras comerciais impostas globalmente saltou de menos de 500 em 2014 para mais de 1.500 em 2021. Esse aumento reflete uma mudança na lógica das negociações internacionais, que deixaram de priorizar acordos amplos para focar em parcerias seletivas — processo conhecido como *friendshoring*. Nele, o comércio passa a ser guiado menos por eficiência e mais por alinhamentos políticos e estratégicos.

Como ilustrado no infográfico (BCG), essa transformação está redefinindo os principais fluxos comerciais globais. Enquanto o comércio da China com os EUA e a União Europeia desacelera (com projeção de queda de US$ 221 bilhões até 2033), o gigante asiático reorienta sua estratégia comercial para o Sul Global, com previsão de aumento de US$ 1,25 trilhão nas trocas comerciais no mesmo período (crescimento anual de 5,9%). O Brasil e demais membros do BRICS+ devem beneficiar-se diretamente desse redirecionamento, já que o comércio dentro deste bloco representará 44% do crescimento comercial chinês na próxima década.

PRINCIPAIS FATORES GEOPOLÍTICOS REDESENHANDO O MAPA DO COMÉRCIO MUNDIAL

América do Norte
Crescimento comercial permanece resiliente à medida que *nearshoring* e *friendshoring* substituem importações da China.

China pivota
Conforme o comércio da China com o Ocidente desacelera, ele acelera com Índia, Rússia, ASEAN, África e nações do Mercosul.

Ascensão do Sul Global
Nações do Sul Global impulsionam comércio entre si e com o resto do mundo e mudam em direção e bens manufaturados.

Transição de crescimento da ASEAN
ASEAN aumenta comércio com China e o resto da Ásia-Pacífico enquanto amplia participação nas cadeis de valor industrial.

Ignição comercial da Índia
Comércio cresce com a maior parte do mundo à medida que o progresso industrial indiano avança e importações de energia aumentam.

UE foca em competitividade
Comércio da UE com China desacelera e muda para parceiros estratégicos como EUA e Japão e mercados em crescimento como Índia e África.

MUDANÇA TOTAL NO COMÉRCIO, 2023-2033 (BILHÕES DE USD CONSTANTES DE 2010 E CAGR%)

EUA-México +315 (4%)	**China-Sul[1]** +1,253 (5,9%)	**Sul-Sul** +673 (3,8%)	**ASEAN-China** +558 (5,6%)	**Índia-EUA** +116 (7,5%)	**UE-Índia** +98 (6%)
EUA-UE +303 (3,1%)	**China-Rússia** +269 (6,3%)	**Norte-Sul** +1,674 (3,7%)	**ASEAN-EUA** +195 (4,3%)	**Índia-ASEAN** +92 (6,2%)	**UE-África** +100 (2,6%)
EUA-Canadá 147 (1,9%)	**China-Oeste[2]** -221 (-1,2%)	**Norte-Norte** +2,587 (2,2%)	**ASEAN-UE** +28 (1%)	**Índia-Rússia** +69 (6,5%)	**UE-Rússia** -106 (-17,2%)

Grau de Impacto

Cor da fonte representa o CAGR (%) total do comércio global de 2023 a 2033: <0% | >2,9% | 0%-2,9%

Fonte: BCG Global Trade Model 2024; UN Comtrade; Oxford Economics; IHS Markit; World Trade Organization; análise BCG.

[1]Sul = 133 nações do G77 da ONU, excluindo China.
[2]Oeste inclui EUA, UE27, Reino Unido, Canadá, Coreia do Sul, Japão, Austrália e Nova Zelândia.

A guerra comercial iniciada por Trump atingiu novos patamares em 2025, com tarifas que afetam mais de US$ 1,4 trilhão em importações. Essa nova fase inclui tarifas de 20% sobre produtos chineses, 25% sobre México e Canadá (com algumas isenções temporárias), expansão das tarifas sobre aço e alumínio, e implementação de tarifas de 25% sobre automóveis e autopeças. Diferentemente das medidas de seu primeiro mandato que impactaram aproximadamente US$ 380 bilhões em produtos, o atual conjunto de barreiras comerciais é muito mais abrangente.

Segundo estimativas da Tax Foundation, essas medidas reduzirão o PIB americano em 0,4% e eliminarão o equivalente a 358.000 empregos em tempo integral, mesmo antes de considerar as retaliações internacionais que já começaram por parte da China, Canadá e União Europeia. A média tarifária sobre importações americanas saltou de 2,5% em 2024 para 8,4% em 2025, alcançando o maior nível desde 1946, enquanto estudos acadêmicos e governamentais consistentemente apontam que as tarifas elevam preços e reduzem produção e emprego.

Para o Brasil, os impactos são mistos. Por um lado, existem oportunidades de ganhar competitividade nos setores diretamente concorrentes com países tarifados no mercado americano, especialmente em commodities agrícolas. Por outro, há riscos para as exportações brasileiras de automóveis e autopeças, além do impacto indireto causado pela desaceleração econômica global. A estratégia brasileira de diversificação de mercados com aumento das exportações para a Ásia, particularmente para a China como demonstrado nos dados de 2023, representa uma resposta parcial ao cenário de crescentes tensões comerciais e reconfiguração dos fluxos globais.

O agravamento dos conflitos globais em 2025 tornou esse cenário ainda mais complexo. Estima-se que 25% da população mundial vive em áreas afetadas por guerras ou instabilidade — como o Haiti, a região do Sahel, o Iêmen, Mianmar, a Ucrânia e a Faixa de Gaza. De acordo com o Índice de Intensidade de Conflitos (CII), a área do planeta impactada por disputas armadas aumentou 65% em três anos, atingindo 6,15 milhões de km² — quase o dobro do território da Índia.

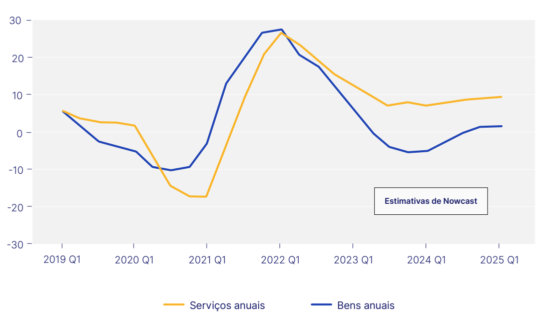
Mesmo diante das tensões, algumas áreas ainda preservam níveis relevantes de cooperação. Segundo o Barômetro da Cooperação Global 2025, setores como inovação tecnológica, saúde e clima mantêm colaborações produtivas, como o avanço na distribuição de vacinas e a expansão do comércio de energias renováveis. Esses exemplos indicam que, apesar da fragmentação, há espaços para convergência multilateral quando os interesses são comuns.

Para empresas e governos, a principal lição desse cenário é a necessidade de desenvolver um "radar geopolítico" – a capacidade de monitorar, antecipar e responder a mudanças nas relações internacionais. A fluidez das alianças e a imprevisibilidade das decisões políticas exigem estratégias mais robustas de análise de risco, adaptação de cadeias produtivas e diversificação de mercados. A sobrevivência e a competitividade dependem, mais do que nunca, da capacidade de leitura do ambiente global.

O CENÁRIO DO COMÉRCIO GLOBAL ATUAL

O comércio internacional iniciou 2025 em um cenário de relativa estabilidade, mas com sinais claros de desaceleração e reorganização estratégica. Segundo o relatório *Global Trade Update* da UNCTAD, o valor global do comércio de bens e serviços atingiu um recorde de **US$ 33 trilhões em 2024**, impulsionado por um crescimento de **3,7%** em relação ao ano anterior. O principal vetor desse avanço foi o forte desempenho do comércio de serviços, especialmente nos países em desenvolvimento. Ainda assim, os dados mais recentes apontam para uma estabilização nas taxas de crescimento, sugerindo que os ganhos registrados em 2024 podem não se manter com a mesma intensidade ao longo de 2025.

CRESCIMENTO ANUAL NO VALOR DO COMÉRCIO DE BENS E SERVIÇOS, 2019 T1 - 2025 T1



Fonte: UNCTADstat; cálculos da ONU para Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) baseados em estatísticas nacionais.

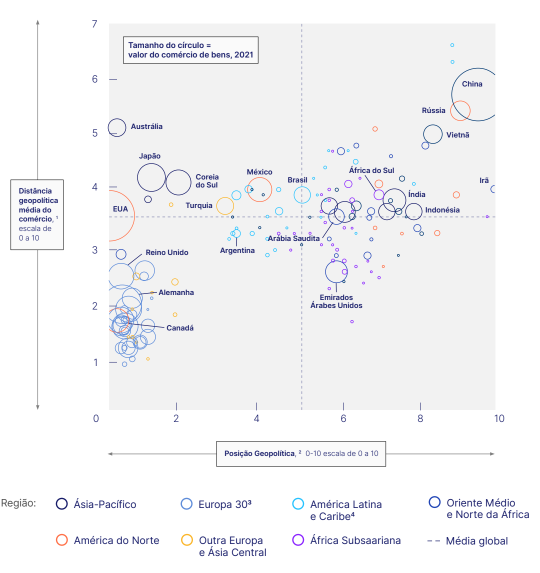
Nota: O crescimento anual é calculado usando uma média móvel ponderada pelo comércio ao longo dos últimos quatro trimestres. Os números, para o T4 2024 são estimativas, T1 2025 é uma previsão de 5 de março de 2025.

Após uma recuperação expressiva pós-pandemia em 2022, tanto o comércio de bens quanto o de serviços desaceleraram significativamente até o fim de 2024. Apesar do crescimento nominal, o comércio enfrenta riscos estruturais e conjunturais. As **tensões geopolíticas** estão alterando padrões históricos de relacionamento entre economias.

Embora o comércio continue ativo entre diferentes regiões do mundo, há um fator cada vez mais decisivo influenciando essas relações: o distanciamento geopolítico. Ou seja, mesmo com o aumento das tensões entre grandes potências, muitos países seguem comercializando com parceiros cujas posições políticas internacionais estão em polos opostos. Um estudo recente revela que economias como **Estados Unidos, China, Alemanha e Rússia** mantêm trocas intensas com nações que divergem de suas posições nos principais fóruns multilaterais.

MUITOS PAÍSES COMERCIALIZAM COM PARCEIROS GEOPOLITICAMENTE DISTANTES

RELAÇÕES COMERCIAIS DE BENS, 2023 OU O DADO MAIS RECENTE DISPONÍVEL, E **PADRÕES DE VOTAÇÃO NA ASSEMBLEIA GERAL DA ONU**, 2005-2022



[1] Nota: O gráfico representa todas as economias para as quais há dados comerciais recentes disponíveis e que registram votos na Assembleia Geral das Nações Unidas. A distância geopolítica média do comércio para cada economia foi atualizada em relação à versão deste gráfico no relatório anterior, que se baseava nos dados comerciais de 2021. Diferença média ponderada pelo valor entre a posição geopolítica da economia de referência (ver nota 2) e a posição geopolítica da economia parceira comercial considerando exportações e importações de bens.

[2] Calculado por análise de componentes principais dos registros de votação da Assembleia Geral da ONU entre 2005 e 2022, reduzido a uma escala de 0 a 10.

[3] Europa 30 inclui a União Europeia mais Noruega, Suíça e Reino Unido.

[4] América Latina e Caribe exclui o México, que foi incluído na América do Norte.

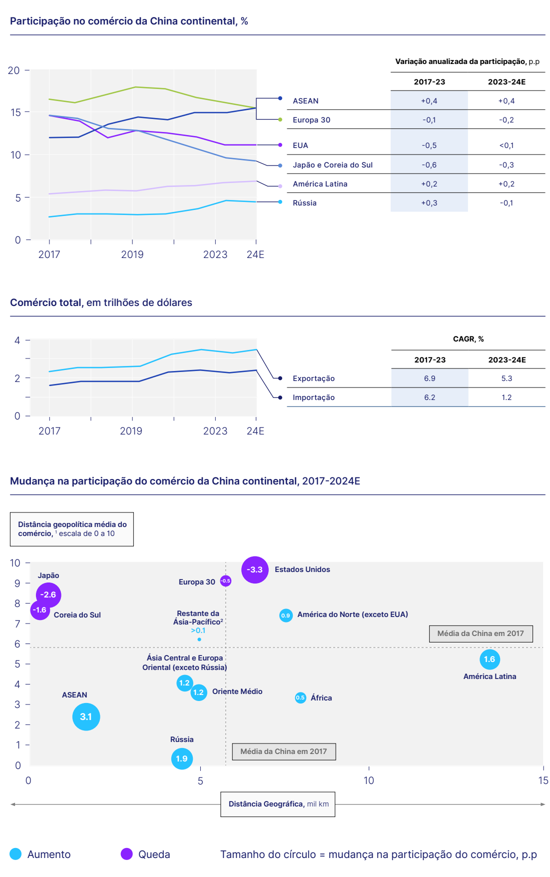
Fonte: UN Comtrade; Koen (2007) e UN Digital Library; análise do McKinsey Global Institute.

Neste gráfico, é possível visualizar como os países se distribuem entre **distância geopolítica (eixo horizontal) e distância comercial (eixo vertical)**. O tamanho dos círculos representa o valor do comércio. A China, por exemplo, aparece com alto volume de trocas com parceiros distantes geopoliticamente, como Japão, EUA e União Europeia, desafiando a ideia de que o comércio se restringe a alianças políticas.

Entretanto, o cenário está mudando rapidamente. A **China**, maior potência comercial do mundo, tem redirecionado parte significativa de seu comércio para **economias em desenvolvimento**, com destaque para os países da **ASEAN**, que superaram o bloco europeu como principal parceiro comercial chinês. Isso reflete uma estratégia deliberada de diversificação e aproximação de parceiros com menos tensões políticas, além de custos logísticos mais atrativos em algumas rotas.

A CHINA CONTINUA A REORIENTAR SEU COMÉRCIO PARA ECONOMIAS EM DESENVOLVIMENTO, ESPECIALMENTE A ASEAN

MUDANÇAS NO COMÉRCIO DE BENS DA CHINA CONTINENTAL, 2017-2024E



Nota: Os dados de 2024 vão até outubro. Os totais de comércio de 2024 foram extrapolados com base nos dados disponíveis até outubro e na razão histórica entre o total anual de comércio e o valor entre janeiro e outubro. O gráfico à direita representa todas as regiões globais, desagregando economias que ganharam ou perderam mais de 1 ponto percentual na participação do comércio com os EUA entre 2017 e 2024. As agregações representam a média ponderada do comércio em termos de distância geopolítica e geográfica em relação aos EUA.

[1] Calculado por análise de componentes principais dos registros de votação da Assembleia Geral da ONU entre 2005 e 2022, reduzido para uma escala de 0 a 10.

[2] Exclui ASEAN, Japão e Coreia do Sul.

Fonte: Administração Geral de Alfândegas da China; CEPII; Voeten (2017) e Biblioteca Digital da ONU; análise do McKinsey Global Institute.

O gráfico revela o aumento da participação da ASEAN, América Latina e África no comércio chinês, enquanto EUA, Europa e Japão perdem espaço. A representação gráfica também destaca a mudança no eixo da distância geopolítica e geográfica, mostrando como o comércio chinês está se aproximando de regiões mais receptivas e menos polarizadas.

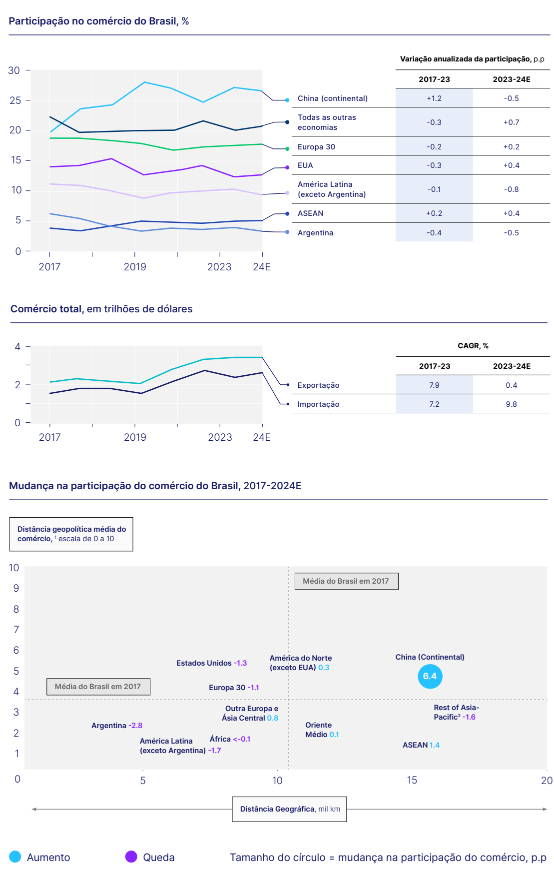
Seguindo uma tendência semelhante, o Brasil também tem reposicionado suas relações comerciais nos últimos anos. O país ampliou consideravelmente suas exportações para a Ásia, especialmente para a China e países do Sudeste Asiático.

Entre 2017 e 2024, o comércio do Brasil passou por uma reorientação significativa em direção à Ásia, com destaque para o aumento das exportações de produtos agrícolas e metálicos para a China, além do crescimento expressivo das importações de bens manufaturados chineses, especialmente veículos elétricos, equipamentos de transporte, produtos químicos e máquinas.

Apesar de uma queda nas exportações agrícolas brasileiras para a China em 2024, devido a eventos climáticos extremos, a tendência geral é de fortalecimento dos laços comerciais entre os dois países. Simultaneamente, países da ASEAN, como Singapura — que se tornou o terceiro maior destino das exportações energéticas brasileiras —, também ampliaram sua participação no comércio com o Brasil, enquanto a fatia de parceiros intrarregionais, como a Argentina, continuou a diminuir, atingindo apenas 15% em 2024.

O COMÉRCIO DO BRASIL CONTINUA A SE DIRECIONAR PARA PARCEIROS EXTRARREGIONAIS

MUDANÇAS NO COMÉRCIO DE BENS DO BRASIL, 2017-2024E



Nota: Os dados de 2024 vão até novembro. Os totais de comércio de 2024 foram extrapolados com base nos dados disponíveis até novembro e na razão histórica entre o total anual de comércio e o valor entre janeiro e novembro. O gráfico à direita representa todas as regiões globais, desagregando economias que ganharam ou perderam mais de 1 ponto percentual na participação do comércio com o Brasil entre 2017 e 2024. As agregações representam a média ponderada do comércio em termos de distância geopolítica e geográfica em relação ao Brasil.

[1] Calculado por análise de componentes principais dos registros de votação da Assembleia Geral da ONU entre 2005 e 2022, reduzido para uma escala de 0 a 10.

[2] Exclui China continental e ASEAN.

Fonte: Comex Stat; CEPII; Voeten (2017) e Biblioteca Digital da ONU; análise do McKinsey Global Institute.

Este gráfico mostra a redução da participação de países vizinhos, como Argentina e América Latina, e o crescimento das relações com a China e com a ASEAN. A presença de Singapura como terceiro destino das exportações energéticas brasileiras reforça a importância da Ásia como nova âncora comercial.

Essa reconfiguração de fluxos evidencia que as decisões de política comercial estão cada vez mais condicionadas a fatores não econômicos, como disputas diplomáticas, interesses estratégicos e mudanças climáticas.

O comércio não é mais pautado exclusivamente por ganhos de eficiência ou redução de custos, mas por uma lógica de segurança econômica e alocação de riscos. A estabilidade comercial passa a depender do grau de resiliência das cadeias produtivas, da capacidade de adaptação a exigências ambientais e da habilidade dos países em preservar relações com múltiplos parceiros, mesmo em um cenário de fragmentação política.

Nesse ambiente, países como o Brasil precisam reforçar sua presença internacional de forma estratégica, garantindo acesso a mercados em transformação sem se fechar em alinhamentos rígidos. O desafio é combinar diversificação geográfica, competitividade comercial e leitura sensível do contexto geopolítico.

Para isso, é fundamental que as estratégias nacionais — inclusive do setor cooperativista — estejam conectadas às dinâmicas globais, aproveitando oportunidades e mitigando riscos em um sistema comercial que já não opera sob as mesmas premissas de décadas passadas.

O COOPERATIVISMO EXPORTADOR

Reconhecendo a importância da diversificação geográfica e da leitura do contexto geopolítico, o Sistema OCB e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) firmaram uma parceria estratégica para impulsionar as exportações do cooperativismo nacional. Essa colaboração teve como objetivo principal promover a internacionalização das cooperativas por meio de ações de qualificação e promoção comercial. Um exemplo notável dessa iniciativa é o Programa de Qualificação para Exportação (PEIEX Coop), que, entre dezembro de 2022 e julho de 2024, destinou cerca de R$ 820 mil para capacitar 50 cooperativas brasileiras, resultando em avanços significativos nos processos de exportação dessas organizações.

A partir dessa parceria, também foi possível combinar dados das cooperativas apoiadas pela Agência com informações de registro do Sistema OCB, visando identificar mercados potenciais, aprimorar estratégias de exportação e fortalecer a presença das cooperativas brasileiras no exterior. Em 2023, por exemplo, das 96 cooperativas apoiadas pela ApexBrasil, 81 realizaram exportações, em um total de US$ 8.341.046.410, representando 2,5% de tudo o que foi vendido pelo Brasil ao exterior e 7,1% de todos os embarques do agronegócio em 2023.

Seguindo a mesma tendência das exportações agrícolas brasileiras como um todo, o principal destino dos produtos cooperativos no ano de 2023 foi a China, seguido do Japão e Países Baixos.

Abaixo, apresentamos os principais dados do cooperativismo exportador no ano de 2023.

PRINCIPAIS ESTADOS COM COOPERATIVAS QUE EXPORTAM

PARANÁ
(48,5%) das exportações de cooperativas
US$ 4,1 bilhões

SANTA CATARINA
(19,0%) das exportações de cooperativas
US$ 1,6 bilhão

MINAS GERAIS
(12,5%) das exportações de cooperativas
US$ 1 bilhão

Cinco principais "produtos" (SH6*) exportados por coops com valor em milhões de dólares:

- Carnes de aves — US$ 2.189
- Soja triturada — US$ 1.552
- Café não torrado — US$ 1.138
- Óleo de Soja — US$ 876
- Carne suína — US$ 852

Cinco principais "produtos" (SH6*) com maior participação de coops nas exportações totais do Brasil:

- Suco de uva — 52,1%
- Miúdos suínos — 44,2%
- Pedaços suínos — 35%
- Outras carnes de suíno — 33,3%
- Pedaços e miudezas de aves — 32,1%

* O SH representa o Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias. É um método internacional de classificação de mercadorias, baseado em uma estrutura de códigos e respectivas descrições. Um código SH6 representa os seis primeiros dígitos da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), método de classificação usado no Brasil.

Os principais destinos dos produtos cooperativos:

1º CHINA — US$ 2,7 bilhões
2º JAPÃO — US$ 461,2 milhões
3º PAÍSES BAIXOS — US$ 439,6 milhões
4º ALEMANHA — US$ 377,2 milhões
5º ESTADOS UNIDOS — US$ 321,7 milhões